

**VENÂNCIO, José Carlos (COORD.), O DESAFIO AFRICANO,
LISBOA, VEGA E UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR,
1997, 256 pp.**

Ivo Carneiro de Sousa*

Variado, interessado e importante se mostra este volume que, coordenado por José Carlos Venâncio, publica as actas do colóquio internacional sobre a «África de Língua Portuguesa: presente e futuro», realizado na Universidade da Beira Interior, nos dias 23 e 24 de Maio de 1996. Investigações qualificadas acolhem-se, de imediato, ao primeiro andamento desta obra em que se procura discutir o tema cada vez mais actual da *Afirmção étnica e identidade nacional*. Uma primeira comunicação de Manuel Laranjeira Rodrigues Areia (pp. 27-43) trata de discutir a etnicidade enquanto processo compósito, arrastando-se do social ao simbólico, elegendo como domínio de debate o caso de Angola. Investigando com atenção o conjunto de conexões que permitem desconstruir a noção e a acção da etnicidade, ligando-as nomeadamente ao desenvolvimento das fronteiras políticas africanas, o autor demonstra rigorosamente quanto a etnicidade se vincula mais à circulação de bens e populações do que às repartições e cesuras dos territórios, contrariando, assim, uma demorada «razão etnológica» que procurou frequentemente encontrar na territorialidade o principal envasamento da diversidade étnica. Em continuação, interessantes se mostram também as páginas em que se discute a comunicação entre a luta pela independência e a emergência da «célebre» tripolarização étnica de Angola, distribuindo os ambundos pelo MPLA, os kongos pela FNLA e os ovimbundos pela UNITA. Um processo em que a etnicidade se converteu em catalizador de estratégias políticas e divisões que, apresentadas, discutivelmente, sob a designação de «tribalismo», concorreram de forma indiscutível para contrariar a construção da unidade e identidade nacionais, bem como para infirmar a coextensividade entre o Estado angolano e o todo territorial nacional. Em seguida, Rodrigues Areia, estuda esta situação através da obra de

Pepetela, *Mayombe* (1993), nela buscando apoios para documentar o temário da divisão étnica de Angola, um veio que, ainda agora, continua a convocar-se, em várias frentes e movimentos políticos, para adiar a concretização de uma Angola unificada.

É também nesta linha de debates acerca dos problemas da etnicidade e da identidade nos países africanos de expressão portuguesa que se deve ler a contribuição de Luís Polanah, intitulada, mais genericamente, «As identidades dos povos e a Democracia» (pp. 45-58). Reflexão amadurecida por uma longa actividade de investigação e de ensino também sobre questões africanas, este trabalho tenta ultrapassar o etnocentrismo e o predomínio de um «modelo europeu» já no estudo/interpretação, já também na configuração e estruturação políticas dos países africanos. Que se tem mostrado tantas vezes um modelo trágico tanto no distanciamento em relação às realidades culturais e sociais africanas quanto na «exportação» de paradigmas político-institucionais que, exagerando, por exemplo, a sua dimensão eleitoral e partidária, esquecem direitos, garantias e, o que mais importa, a riqueza das diversidades dos sistemas culturais, tradicionais e simbólicos dos povos africanos. Interessante é, por isso, esta ideia trabalhada por Luís Polanah, de uma «reconquista da vida tradicional», de uma recuperação, também social e política, do «sistema social tradicional» que, longe de quaisquer modalidades de retorno a passados longínquos, pode permitir escorar a especialização de uma cultura democrática pluriétnica e nacional.

Concreto, informado e documentado se apresenta o estudo de Eduardo Medeiros sobre «Etnias e etnicidade em Moçambique. O advento do Mundo Sena, das origens a 1918» (pp. 59-82). Descobre-se uma investigação histórica qualificada, mergulhando aos contactos coloniais iniciais, nas primeiras décadas de Quinhentos, para seguir a lenta estruturação dos espaços da Zambézia que, com a transformação dos processos dos prazos em dominações senhoriais-patrimoniais, começam a prefigurar a construção de sistemas de Estado que, no século XIX, se podem seguir na Gorongosa, em Massangano e em Massingire. Constituinte praticamente «estados independentes», estes três espaços são estudados pelo autor durante o período oitocentista, provando-se que o chamado «mundo sena» foi percorrido pelos mais variados afrontamentos políticos e sociais, entrecruzando também «gente proveniente dos mais diversos horizontes culturais» (p. 80).

Uma segunda secção deste livro reúne contribuições acerca da

Situação económica e oportunidades de negócios nos Palop. Um primeiro estudo de Adelino Torres discute a relação fundamental entre «Mercados e Desenvolvimento em África: lógicas e desafios num contexto de 'globalização'» (pp. 85-130). O autor visita demorada e criticamente as soluções e perspectivas que, marcadas pelo ultraliberalismo, foram guiando o desenvolvimento africano, discutindo também com profunda competência a confusão conceitual a elas associadas. É o que ocorre, por exemplo, na precipitada colagem entre as noções de «mercado» e «capitalismo» que importa saber distinguir e, ademais, distanciar na interpretação das realidades económicas africanas. Procurando orientar a investigação pela renovação da noção e da *praxis* do desenvolvimento, Adelino Torres propõe, com inteligência, substituir a ideia de «oportunidades de negócio» com que se afronta tantas vezes o investimento nos espaços africanos de língua portuguesa, pela noção mais estruturante de «oportunidades de desenvolvimento numa perspectiva de mercado».

Partindo de uma máxima changana *Txova Xita Duma*, qualquer coisa como «empurra que isso vai», o artigo de Feliciano José de Mina discute a emergência empresarial dos pequenos e médios empresários de Maputo neste período de consolidação da transição política em Moçambique (pp. 131-141). Trata-se mais de visitar o «comportamento» empresarial em comunicação com o crescimento económico e as modificações culturais. Assim, as relações com o Estado, a dimensão familiar, a religião, combinam-se com a análise das receitas e das responsabilidades económicas dos empresários para perspectivarem algumas interpretações interessantes, como o tema da configuração de uma «crioulidade económica» (p. 140) que poderá pautar um novo paradigma na edificação da dialéctica entre identidade nacional e desenvolvimento sócio-económico.

Três comunicações diferentes constituem o terceiro temário deste livro consagrado agora à *Cultura e Literatura*. Algumas considerações de Salvato Trigo sobre os dois termos discutem as suas ligações de proximidade e alteridade, revisitando a distinção entre literatura e língua, a primeira ancorando-se ao devir cultural, enquanto a segunda tende a funcionar como sistema simbólico matricial, verdadeiramente expressando-se como «mátria» (pp. 145-155). Um conceito importante na obra deste autor e que importa convocar na longa duração, distinguindo-o da construção da Nação e da identidade nacional, para as quais a língua é factor importante, mas não decisivo. É precisamente esta discussão que se retoma na comunicação de

David Brookshaw sobre «Pepetela e a construção de uma nacionalidade» (pp. 157-162), texto em que se julga interessante a comparação entre a literatura afro-lusófona e a literatura latino-americana, campos em que o romance de nacionalidade se foi formando na «fase eufórica da independência» (p. 162). Um último estudo da autoria de Fátima Mendonça prefere o título «Entre Voltaire e Fanon ou o dilema pós-colonial da Universalidade» (pp.163-172), discutindo também as relações entre sistema literário e os elementos extra-literários que, do social ao cultural, concorrem, afinal, para a sobrevivência e especificidade de uma literatura, como ocorre quando se procura discutir a identidade da literatura moçambicana.

Encerra esta obra um conjunto de três estudos sobre *Ensino, Formação Profissional e Desenvolvimento*. A abrir, as investigações que Inácio Rebelo de Andrade agrupou com o título «Algumas reflexões sobre o conceito de desenvolvimento» (pp. 175-184). Percorrendo a própria história da noção de desenvolvimento e as suas diferentes expressões «escolares», o autor recusa qualquer dimensão essencialista de desenvolvimento para discutir criticamente as correntes que se estendem do «crescimento económico» à generosidade «ecológica». O caminho prospectivo prefere situar-se (também em termos de «escola»?) em torno da ideia de um desenvolvimento «estrutural-personalista» em que as concepções dominantes se possam vazar na tríplice equação operar-participar-dirigir. A concluir, dois interessantes estudos de caso. Primeiro, o trabalho de Carlos Machili sobre «Ensino, formação profissional e desenvolvimento: a formação de professores em Moçambique, 1964-1995» (pp. 185-223). Descobre-se uma investigação relevante que revisita paradigmas, cenários e modalidades de evolução da formação de professores, sendo especialmente importante a discussão não fechada acerca dos equilíbrios entre solidariedades étnicas e afirmação nacional. Por fim, Jorge de Sousa Brito interroga-se: «Que Ensino Superior para cabo Verde do século XXI» (pp. 225-239). Cruzando a necessidade de perspectivar o ensino superior enquanto motor de desenvolvimento com o futuro económico e social de Cabo-Verde, o autor sugere uma aliança estreita entre os dois vectores que poderiam concorrer para transformar o arquipélago em centro de redes de ensino, de investigação e divulgação científicas.